

# ANTROPOLOGIA

GT 4: ANTROPOLOGIA DAS SOCIEDADES  
COMPLEXAS

Sessão 1: Antropologia Urbana

**ENTRE DEMÔNIOS: DÁDIVA, RESPEITO E COMPROMETIMENTO ENTRE OS ADEPTOS DO BLACK METAL PAULISTA**

Lucas Lopes de Moraes – PPGAS/USP - LabNAU

lucasmakhno@yahoo.com.br

Fomento: FAPESP

Entre os adeptos do Black Metal paulista a cena é uma categoria nativa que expressa uma noção de comunhão coletiva, estabelecida através do comprometimento com um estilo musical, uma das mais extremas variantes do gênero Heavy Metal. Eventos são organizados tanto na capital quanto em pequenas cidades do interior, pouco significativas para os grandes fluxos de capital, mas que na ótica desses atores sociais são vistas como grandes pólos da resistência. São lugares onde “os guerreiros do Black Metal” se reúnem, trocam experiências e bens, e fortalecem seus sentidos de pertença a um modo de vida específico e a determinadas filiações religiosas (o Satanismo e a “Quimbanda”). Ao estabelecer os parâmetros dessa pesquisa e iniciar os trabalhos de campo, voltados à compreensão das lógicas de ocupação dos espaços urbanos por esse arranjo coletivo, surgiram os primeiros impasses gerados pela resistência dos integrantes dessa cena. O Black Metal era dito ser “para poucos”, algo que não poderia ser “banalizado”. As supostas autoridades intelectuais e morais foram invertidas, dado que o respeito e o comprometimento, critérios essenciais para a entrada na cena, não permitiam a consequente “entrada no campo”. Dessa forma, o exercício gradual de compreender as lógicas internas desse arranjo coletivo, permitiu que estratégias metodológicas fossem elaboradas, e que uma espécie de “círculo da dádiva Black Metal” fosse desvelado: uma rede de trocas de favores que constitui essa cena e que estabelece as alianças entre esses “guerreiros”. Assim, o pesquisador ofereceu suas dádivas, trocou favores, e ainda sem fazer parte da cena conseguiu adentrá-la. Esse trabalho, portanto, busca demonstrar as vicissitudes de uma experiência de campo, que nas exigências da pesquisa produziu um conjunto de estratégias metodológicas, que ao mesmo tempo em que eram estadas, produziram conhecimento sobre um arranjo coletivo que elabora formas específicas de ocupar a cidade, reorganizando suas fronteiras a partir de alianças internas.

\*\*\*

Como um estilo musical o *Black metal* surge no início da década de 1980, mais precisamente no ano de 1982, quando a banda britânica *Venom* lança o álbum intitulado *Black metal* reconhecido como o marco fundador do estilo. Já em seus primórdios o estilo ostentava muitos dos elementos que se tornariam suas características marcantes, como o apelo satânico em suas letras (uma crítica declarada às religiões judaico-cristãs), a agressividade das performances no palco e composições musicais pouco virtuosas para os padrões que o *heavy metal* vinha assumindo com bandas como *Iron Maiden*, *Saxon* e *Judas Priest*. Porém, essas inovações trazidas pela *Venom*, assim como pelos suecos da banda *Bathory*, ganharão notoriedade como percussoras de um novo estilo musical ao influenciarem bandas norueguesas como *Mayhem*, *Burzum*, *Emperor* e

## XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

*Darkthrone*, que no início dos anos de 1990 encabeçariam um movimento concentrado na cidade de Oslo, que ficaria conhecido tanto pelas suas composições musicais, quanto pelos atos violentos cometidos pelos seus integrantes.

Nos primeiros anos da década de 1990, cerca de 20 igrejas foram incendiadas na Noruega pela ação ou influência direta dos membros dessa autodenominada *cena Black metal norueguesa* ou *Black Circle*, assim como assassinatos e suicídios ligados aos membros das bandas. Tais fatos serão responsáveis por um alarde internacional acerca do estilo, que aos poucos ganhará imensa notoriedade no cenário mais amplo do gênero *heavy metal*. No Brasil, inúmeras bandas serão fundadas diretamente influenciadas pelo estilo lapidado pelos noruegueses, contudo, já no meio da década de 1980 a banda brasileira *Sarcófago* apresentava em sua sonoridade, letras e vestimentas, tais traços que seriam consagrados pelos escandinavos, ao ponto de serem tratados como uma das maiores influências da banda *Mayhem*, que teria se inspirado na pintura corporal dos brasileiros para compor aquilo que passaria a ser conhecida como a *corpse paint*: uma maquiagem ostentada no palco, que recobre principalmente o rosto e torso com detalhes em branco e preto, que tem por objetivo criar uma imagem ameaçadora naqueles que a usam.

Esses fatos que compõem a criação do estilo possuem uma riqueza de detalhes e uma carga simbólica impressionante, e são constantemente tema de debate entre os adeptos. Dito isso, não temos a pretensão de esgotar tais elementos, mas apenas apresentar um panorama geral sobre a fundação do estilo para que a discussão apresentada a seguir possa ser situada em seu devido contexto etnográfico.

“Tornar o exótico familiar”, “captar as experiências próximas nativas”, “dar voz aos interlocutores”, termos que permeiam o debate sobre o método etnográfico. A Antropologia tem como uma de suas principais características a sistemática problematização de suas técnicas de coletas de dados e de seus posicionamentos epistemológicos no campo. Sendo assim, o trabalho aqui apresentado busca contribuir com esse debate, resgatando as experiências etnográficas geradas por uma pesquisa realizada entre os adeptos do Black metal paulista, na qual as dificuldades iniciais de “entrada no campo” e as recusas por parte desses sujeitos exigiram uma constante reflexão a respeito das estratégias metodológicas adotadas pelo pesquisador.

Tornar inteligível a rede de sociabilidade constituída por esses atores sociais em contexto urbano só foi possível quando a resistência e a reserva desses sujeitos foram tomadas como consequências de seus posicionamentos sobre esse estilo musical e sobre

## XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

o círculo restrito de aliados que perfazem uma rede de trocas de favores que se estende por todo o Estado de São Paulo. Portanto, através dos percalços e dos desafios apresentados pela etnografia desse contexto relacional específico: a *cena Black metal paulista*, trago exemplos de como as dificuldades de pesquisa puderam ser aproveitadas como mecanismo de elucidação do próprio objeto de pesquisa escolhido, contribuindo assim, para o debate mais amplo a respeito do método etnográfico e suas categorias.

Ao elaborar o projeto que deu início a essa pesquisa busquei determinar a presença de bandas ligadas ao Black metal na cidade de São Paulo, para assim mapear os lugares ocupados por eles e poder observar suas práticas e as maneiras como se organizavam nos espaços urbanos. A intenção inicial era determinar um *circuito* (MAGNANI, 2002) Black metal paulistano, para então tornar inteligível de uma perspectiva antropológica uma categoria nativa que regularmente era utilizada nos discursos para fanzines<sup>49</sup>, revistas e nas próprias declarações contidas nos encartes dos álbuns: a *cena*.

Essa perspectiva inicial era muito orientada pelas discussões produzidas pelo Lab-NAU, acerca das *manchas, pedaços, circuitos e pórticos*, categorias que em diversos estudos (MAGNANI; SOUZA, 2007) foram aplicadas na análise da dinâmica de arranjos coletivos pela cidade. Tal abordagem foi mantida, contudo, de uma perspectiva metodológica, pois ao tentar mapear um *circuito* Black metal, constatei que para compreender as dinâmicas de sociabilidade desses atores sociais era necessário ir além dos equipamentos da cidade e adentrar as concepções nativas a respeito do pertencimento a essa *cena*. Ou seja, as configurações dos espaços urbanos elaboradas pelos atores sociais, principalmente em sua duração no tempo, deveriam ser observadas tanto quanto as estruturas espaciais da cidade (MAGNANI, 2013, não publicado<sup>50</sup>).

Fora essa perspectiva teórico-metodológica, minhas experiências pessoais como apreciador do gênero heavy metal – e de certa maneira “*headbanger* praticante”<sup>51</sup>, pois há mais de 15 anos sou frequentador de shows e consumidor de álbuns de heavy metal extremo – me levaram a esse objeto, devido a certa curiosidade sobre o Black metal. No

---

<sup>49</sup> Fanzines são revistas fotocopiadas que circulam entre os adeptos do estilo. Nelas podemos encontrar entrevistas com as *hordas* e resenhas de álbuns lançados, muitas vezes manifestos em prol do estilo e contra os “falsos” adeptos são reproduzidos nessas revistas.

<sup>50</sup> Esse texto de Magnani, ainda não publicado, tem circulado entre os integrantes do Lab-NAU, gerando um amplo debate sobre as possibilidades analíticas da categoria *circuito*, principalmente em sua dimensão temporal.

<sup>51</sup> O termo *headbanger* define de maneira genérica os apreciadores mais assíduos do gênero heavy metal, e é preferido pelos mesmos em detrimento de “metaleiro”, uma definição considerada pejorativa (ver LOPES, 2006).

## XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

“universo” do heavy metal, ao menos em minhas experiências, o Black metal sempre apareceu como uma incógnita, um estilo pouco conhecido e motivo de estranhamento entre aqueles que não se identificam com ele. Sempre pude escutar críticas e acusações de extremismo, de que os adeptos do Black metal levavam muito a sério o heavy metal, que se consideravam mais *true*s<sup>52</sup> que os demais e que muitas vezes expulsavam pessoas de seus shows.

A partir de minhas experiências percebi que entre aqueles que se diziam *headbangers* existia o que defini como um “senso comum do campo”, ou seja, um conjunto de definições sobre o Black metal, a maioria acusatórias, feitas por quem se considerava muito “de dentro” desse universo, mas que pouco conhecia do estilo além dos álbuns mais famosos de bandas estrangeiras.

Pelas informações que chegavam até mim através de revistas especializadas e fanzines eu sabia da existência de um conjunto de hordas espalhadas pelo Brasil, e que na cidade de São Paulo ocorriam frequentes apresentações daqueles que se consideravam membros da cena paulistana do Black metal, que aparentemente não se misturavam com bandas dos demais estilos. Essas eram as primeiras impressões que eu possuía sobre esse objeto; sabia de sua existência na cidade de São Paulo, conhecia pelos álbuns musicais algumas das hordas e já me interessava dos espaços nos quais comumente se realizavam shows do estilo. Contudo, no momento em que me preparava para o processo seletivo do programa de pós-graduação em Antropologia Social da USP e escrevia a primeira versão de meu projeto, fui convidado por alguns conhecidos de minha namorada a comparecer em Araraquara/SP, em um evento em homenagem a um integrante de um núcleo local de amigos ligados ao Black metal, que havia sido assassinado por um colega de profissão enquanto trabalhava.

Nessa ocasião pude presenciar em um pequeno bar de uma cidade do interior paulista a reunião de hordas vindas de diferentes regiões do estado de São Paulo, que naquele momento prestavam homenagem ao amigo falecido. Todos considerados adeptos do Black metal se apresentaram ostentando a *copse paint* em um ambiente com a entrada controlada, no qual apenas os convidados pelos organizadores podiam entrar. Essa experiência me chamou a atenção e abriu alguns possíveis horizontes de análise

---

<sup>52</sup> O termo *true*, que pode ser traduzido do inglês como “verdadeiro”, é utilizado para definir o sujeito que seria um verdadeiro *headbanger* apreciador do heavy metal. Contudo, esse termo pode ser utilizado no aumentativo e ganhar tons de chacota: o *truzão*, que seria o sujeito que leva a sério demais a música heavy metal e acaba se transformando em alguém muito radical. Várias vezes escutei e também pude ler em sites da internet o termo (no aumentativo) ser utilizado para atacar os adeptos do Black metal.

## XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

sobre esse fenômeno que se mostrava passível de ser estudado sob o olhar da Antropologia.

Algumas das impressões iniciais que possuía sobre o estilo e seus adeptos foram se arrefecendo, passei a frequentar mais shows de Black metal e coletar dados para enriquecer o projeto, e nesse processo estabeleci contato com detalhes das organizações dos eventos e das alianças entre as diversas hordas paulistas que me deram o norte a ser seguido na pesquisa. A *cena* e o *underground* como categorias nativas se impunham no campo e eram operadas como delimitadores de fronteiras e condutas, sem, contudo, se apresentarem de maneira clara. Essas noções mobilizadas no discurso nativo precisavam ser cruzadas com as práticas e o quadro relacional constitutivo desses arranjos coletivos

A partir de então, iniciei meus primeiros contatos com os atores sociais vinculados ao Black metal na cidade de São Paulo, dado que a pesquisa definia a capital e sua zona metropolitana como seu recorte analítico. Essa escolha foi orientada tanto pela proximidade das atividades de campo com o local onde realizo meus estudos: a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, mas principalmente pelo fato de São Paulo e sua zona metropolitana abrigarem um conjunto de hordas reconhecidas pela sua experiência e participação nessa cena Black metal em dimensão nacional, entre elas: *Ocultan*, *Mausoleum* e *Impetuoso Desdém*, que desde o início da década de 1990 produzem Black metal e se definem como pertencentes ao estilo.

\*\*\*

As primeiras incursões a campo foram no Fofinho Rock Bar, um dos poucos estabelecimentos que realizam shows de Black metal na cidade de São Paulo, sua importância para a *cena* paulistana se tornou mais clara depois de alguns meses de observação. Nesse momento inicial, entretanto, essa escolha partiu das dificuldades em encontrar eventos do estilo na cidade. O projeto inicial previa um conjunto de pelo menos seis bares da cidade que realizavam shows do estilo, mas no decorrer da pesquisa, somente o Fofinho se apresentou como uma referência constante, enquanto os demais espaços inicialmente mapeados se mostraram “periféricos” ou mesmo indiferentes para os adeptos do estilo. Não que o Black metal não estivesse presente em São Paulo, mas o seu *circuito* de shows parecia estar centrado e restrito ao Fofinho Rock Bar, uma espécie de marco referencial para a cena. Mais tarde esse *circuito* foi se ampliando e surgiram nuances nas leituras daqueles envolvidos com o Black metal,

## XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

alguns desses espaços eram considerados como mais ou menos pertencentes à cena, e por isso, mais ou menos legítimos.

Contudo, o importante a ser salientado aqui são as dificuldades iniciais em contatar os membros das hordas<sup>53</sup>. Tentei estabelecer contato nos ambientes de shows, mas apesar de meus esforços, não recebia retorno posterior e era visto com desconfiança. Apesar de compartilhar de alguns códigos e referências por conhecer o heavy metal e suas diversas vertentes, para os frequentadores dos espaços de shows do estilo na capital eu era um estranho. Optei então, por entrar em contato via e-mail com as hordas, garimpando seus contatos pela internet. Nessas mensagens explicava minha pesquisa e salientava que meu interesse era produzir um trabalho sério, que de nenhuma forma pensava em reproduzir estereótipos sobre os adeptos do estilo, mas apesar disso não recebi nenhum retorno. Apenas um representante de uma *distro*<sup>54</sup> me respondeu, questionando “quem eu era”, afirmando “que não me conhecia” e que não concordava com “esse tipo de abordagem”, pois para ele o Black metal não deveria ser “divulgado”, pois era “uma coisa séria e para poucos”. Eu já previa esse tipo de resistência, mas ao ser sistematicamente rechaçado pelos adeptos do estilo comecei a repensar minhas entradas no campo.

Sendo assim, mapeei alguns atores sociais que já haviam participado da *cena* Black metal e que no momento estavam envolvidos com outros projetos, percebi que essa seria uma boa estratégia para conseguir alguns contatos a partir de alguém que possuía reconhecimento nessa suposta *cena*, mas que não estaria tão preocupado em se abrir e conversar comigo, por supostamente não estar tão engajado com o estilo no momento. A primeira tentativa foi com o vocalista e guitarrista da horda *Arum*, que naquele momento eu sabia estar envolvido em um projeto de *folk* acústico e afastado momentaneamente do Black metal. Logo consegui marcar uma entrevista com ele e sua esposa, parceiros nesse novo projeto, na qual eles descreveram os meandros dessa suposta *cena* e suas alianças internas, me deram alguns contatos e disseram que me indicariam para amigos que ainda estavam envolvidos com o Black metal e que poderiam me ajudar. Eles explicaram nessa ocasião que sua horda *Arum* estava “parada”, mas que tinham participado durante muito tempo da cena Black metal e que por isso, uma indicação me ajudaria a estabelecer alguns contatos e conseguir a

---

<sup>53</sup> No Black metal as bandas são chamadas de hordas.

<sup>54</sup> Distros são espécies de distribuidoras informais que estabelecem acordos com as bandas recebendo os direitos de vender, muitas vezes com certa exclusividade, o material sonoro produzido. Na maioria das vezes essas Distros são encabeçadas por sujeitos com amplos contatos e certo reconhecimento na cena.

## XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

confiança necessária para realizar minha pesquisa. Mais tarde pude aproximar essa minha experiência com aquela vivenciada por Piero Leirner (LEINER, 1997, 2009) em sua pesquisa entre os militares brasileiros, na qual ao receber frequentes recusas e resistências do quadro ativo do exército em relação ao seu trabalho, recorreu aos militares da reserva (aposentados) como um estratégia metodológica de entrada no campo.

Minha estratégia funcionou e em algumas semanas pude realizar entrevistas com alguns membros dessa cena Black metal, que depois se tornaram meus “passes livres” para outras hordas e atores sociais envolvidos com o estilo em São Paulo. Sempre ao estabelecer um novo contato, me apresentava e citava aqueles com quem já havia conversado, isso permitiu ao meu trabalho ganhar legitimidade, pois se aqueles adeptos reconhecidos na cena tinham aceitado falar comigo, outros também se abriam ao diálogo. Sem perceber, passei a fazer uso das alianças internas existentes entre os adeptos do Black metal e foram essas relações de reconhecimento e respeito construídas na experiência e no tempo entre esses atores sociais que permitiram que eu fosse expandindo essa rede de contatos, até o ponto em que meus e-mails começaram a ser respondidos. Aparentemente eu não era mais o pesquisador anônimo, uma potencial ameaça ao estilo e seus adeptos, pois já havia conversado com membros importantes dessa cena, o que parecia dar segurança aos demais para conversarem comigo sobre suas experiências e concepções sobre o estilo. Adentrei ao círculo de alianças entre os adeptos do estilo e através dele consegui estabelecer os contatos necessários.

Outra informação importante, que serve como material de reflexão sobre a dimensão metodológica desse trabalho, diz respeito a certas confusões de meus interlocutores sobre os intuitos do meu trabalho. Ao afirmar que realizava uma pesquisa sobre o Black metal, alguns entenderam que eu pretendia produzir um filme sobre a cena paulistana e começaram a disseminar essa ideia<sup>55</sup>. Passei então, a receber mensagens pela internet de hordas interessadas em participar desse projeto, defendendo que existiam poucos registros do estilo em São Paulo e que seria muito importante um trabalho nesse sentido. Hordas com as quais eu não tinha conseguido travar contato se disponibilizaram a conversar e nesse ponto, eu passei a ser contatado por elas.

---

<sup>55</sup> Até hoje me pergunto se essa não foi uma “jogada” para exigir uma contrapartida de minha parte, já que tomava muito tempo de meus interlocutores questionando-os sobre coisas aparentemente óbvias, além de ganhar diversos CDs e camisetas das hordas.

## XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Nesse impasse, entre desmentir os boatos sobre o filme e arriscar o “fechamento” de um campo tão delicado e cheio de meandros, procurei uma parceria com o Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP (LISA), representado pelas professoras Rose Satiko G. Hikiji e Sylvia Cayubi Novaes, que se mostraram dispostas a me apoiar na produção de um filme sobre o material de minha pesquisa. Assim, surgiu um projeto paralelo de produção de um filme sobre a cena Black metal paulistana que teve ampla aceitação entre meus interlocutores e me permitiu estabelecer relações muito próximas com os mesmos, tendo acesso a informações que antes eu tinha muita dificuldade em conseguir. A coleta das imagens já se encontra adiantada atualmente e serviu para constituir um acervo de entrevistas e imagens de performances dos adeptos do estilo. Mais importante nesse momento é apontar como a produção desse filme produziu um efeito em meu campo e me jogou no interior da rede de compromissos e trocas do Black metal.

Sempre quando entrevistei uma horda ou um de seus integrantes, fui presenteado com camisetas e CDs, que recebi e nunca pude pagar, sob pena de criar certos embarços, ao mesmo tempo em que obtive mais dados para minha pesquisa. Esse círculo de trocas, que parece se reproduzir até mesmo na estrutura de produção dos eventos do estilo me colocou em posição delicada, pois me vi na necessidade de receber, sem ter algo do interesse de meus interlocutores que pudesse devolver em troca. Dessa forma, se pensarmos nesse contexto como um *círculo da dádiva Black metal* (MAUSS, 1988[1925])<sup>56</sup>, a minha obrigação de *dar e retribuir* pôde ser cumprida através da produção desse filme, que tem sido encarado pelos meus interlocutores como a valorização da cena Black metal e o registro do comprometimento de seus adeptos com o estilo.

A suposta hierarquia existente no campo, na qual o antropólogo se sobrepõe aos seus interlocutores através de sua autoridade como pesquisador, parece perder muito da sua consistência em situações como essa. Não poderia realizar essa pesquisa sem a aceitação de meus interlocutores, dado que as concepções nativas sobre comprometimento e seriedade barravam a minha entrada, como pessoa suspeita. Mariza Peirano aponta como as questões hierárquicas na perspectiva de campo se dão muitas

---

<sup>56</sup> O que chamo de *Círculo da dádiva Black metal* faz referência às alianças estabelecidas entre adeptos do Estado do São Paulo inteiro (talvez até do país), que permitem que shows ocorram tanto na capital como em pequenas cidades do interior. Muitos desses eventos contam com a troca de favores entre as hordas, que se deslocam por conta própria e não cobram para se apresentar. Essas práticas são melhor analisadas em minha dissertação de mestrado, na qual busco demonstrar como essa rede de trocas de favores no interior da *cena* se sobrepõe às fronteiras da cidade.

## XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

vezes de forma inversa como o comumente esperado, dado que uma pesquisa só ocorre se ela é aceita pelos nativos, do contrário ela não acontece. Muito interessante que Viveiros de Castro afirma ter passado por essa situação entre os Araweté, entre os quais o interesse pela sua pesquisa precisou ser despertado e avalizado (VIVEIROS DE CASTRO, 1993).

Superadas as dificuldades iniciais dessa pesquisa e estabelecidos os primeiros contatos, a coleta dos dados consistiu-se basicamente em observações nos espaços dos shows, e em entrevistas pré-agendadas ou conversas muitas vezes “informais” nos *backstages*<sup>57</sup> desses eventos. Em certas ocasiões, ao combinar por telefone ou e-mail uma entrevista em datas nas quais ocorreriam as apresentações, tais questionários acabavam se transformando em conversas das quais vários integrantes de hordas diferentes acabavam participando, e devido a todo o “ruído” que permeia o ambiente desses eventos, algumas delas não puderam ser gravadas em áudio. Fora essas ocasiões “imprevistas”, grande parte das entrevistas foi realizada nas próprias residenciais de meus interlocutores, e em alguns casos, em estúdios nos quais ocorrem os ensaios das hordas.

Outra estratégia de coleta de dados foi a filmagem das performances das hordas. A partir do momento em que a ideia da produção de um documentário surgiu, algumas apresentações e situações de campo foram filmadas, constituindo um material que foi diversas vezes revisitado no momento da produção dos cadernos de campo. Muitos detalhes não observados durante o trabalho de campo puderam ser analisados mais tarde com o auxílio das imagens coletadas, enriquecendo dessa forma as descrições etnográficas. Outra fonte importante de informação foi o material musical adquirido. Muitos CDs, LPs e fanzines forneceram dados que permitiram que cada roteiro de entrevista pudesse abordar questões específicas para cada sujeito ou horda entrevistado. Conhecer os álbuns musicais e um pouco da trajetória de cada horda favoreceu o estabelecimento do diálogo com meus interlocutores. Demonstrar certo conhecimento sobre as produções sonoras e sobre a própria história da participação desses atores sociais nessa cena Black metal, se mostrou estratégia muito frutífera no momento das entrevistas, permitindo que elas escapassem do modelo de “inquerito”, no qual o pesquisador faz perguntas e seu interlocutor lhe dá respostas, e se aproximando muito mais de um diálogo sobre determinados temas ligados ao Black metal. Em muitas

---

<sup>57</sup> O termo *backstage* refere-se aos espaços nos quais as bandas se preparam para uma apresentação ou descansam após ela.

## XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

situações questionei meus interlocutores a partir de impressões construídas em minhas incursões ao campo, apresentando minhas hipóteses e questionando-os sobre suas opiniões. Tal estratégia me permitiu recolher declarações importantes e perceber diferentes posicionamentos a respeito de elementos definidos pelos meus próprios interlocutores como essenciais para o Black metal.

Celso Castro (CASTRO; LEIRNER, 2009) em sua experiência de pesquisa entre militares brasileiros descreve algumas das dificuldades de entrada nesse campo, que demandaram diversas estratégias tanto para passar pela burocracia oficial quanto para receber reconhecimento por parte de seus interlocutores. O autor aponta como conhecer as rotinas militares e alguns de seus referenciais foi essencial para a efetivação de seu trabalho. Ao descrever sua experiência de campo e principalmente o processo de entrada, o autor salienta como fez uso da hierarquia militar e de seus códigos corporais para ganhar reconhecimento e poder realizar sua pesquisa. Castro salienta como as relações de subordinação e dominação em muitos momentos se inverteram em campo, não somente na dimensão social e moral, mas também intelectual. Pertencer ao exército, respeitar seus códigos, conhecer seus meandros era algo que do ponto de vista de seus interlocutores poderia ser tomado como uma posição superior em relação ao pesquisador “paisano”.

No caso do Black Metal, eu como alguém ligado ao heavy metal, ao demonstrar desconhecimento sobre a dinâmica da *cena* e a história das hordas, muitas vezes fui tratado com certo desdém, ou visto com desconfiança, em um ambiente no qual a experiência no tempo e o conhecimento sobre o estilo são muito valorizados. Da mesma forma, ao apresentar informações sobre álbuns e shows, passava a ser correspondido em minhas questões. Mobilizar os referenciais coletivos de meus interlocutores não foi apenas uma estratégia de recolha de dados, mas um processo interpretativo sistemático, que permitiu à pesquisa avançar na descrição dos parâmetros de sociabilidade dos adeptos do Black metal.

Portanto, ao elencar os referenciais metodológicos desse trabalho, tento demonstrar como a inserção no campo e as tentativas de compreender o Black metal foram exigindo gradualmente a busca de novas fontes bibliográficas. A noção de etnografia *multi-situada* (MARCUS, 1998) nos permitiu expandir o foco de análise, ainda que superficialmente, para as ramificações dessa rede de atores sociais que escapa à zona metropolitana e alcança o interior do estado de São Paulo (e provavelmente vai mais longe), o conceito de *mundo artístico* (BECKER, 2006) também jogou luz nas

## XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

atividades compartilhadas que permitem que um evento seja produzido a partir de determinadas convenções definidas por esses arranjos coletivos. O Black metal e seus adeptos demandaram tais abordagens, da mesma forma que exigiram que a categoria analítica *circuito* (MAGNANI, 2002) fosse explorada em sua dimensão temporal, dada a dinâmica peculiar de ocupação dos espaços por parte desses atores integrantes da cena. Mais do que definir lugares ou pontos específicos de aglomeração desses sujeitos no cenário da cidade, essa abordagem buscou enfatizar os atores sociais que constroem tais *mundos, circuitos* e redes de alianças disseminadas pelo tecido (inter)urbano.

### ***Bibliografia***

BECKER, Howard S.. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hicitec, 1994.

\_\_\_\_\_. *Art Worlds*. Los Angeles: University of California Press. [1982] 1997.

BECKER, Howard S; PESSIN Alain. “A Dialogue on the Ideas of ‘World’ and ‘Field’”. New York, USA: *Sociological Forum*, Vol. 21, No. 2 (Jun., 2006), pp. 275-286.

BENNET, Andy. “Subcultures or neo-tribes? Rethinking the relationship between youth, style and musical taste”. *Sociology*. Vol. 33, n. 3, August 1999. 599-617.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. *Trevas sobre a luz: o underground do heavy metal extremo no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2010.

CASTRO, Celso; LEIRNER, P. C.. *Antropologia dos Militares: reflexões sobre pesquisas de campo*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004[1983].

\_\_\_\_\_. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011[1973].

KAHN-HARRIS, Keith. *Extreme Metal: Music and Culture on the Edge*. Oxford/New York: Berg, 2007.

LEIRNER, Piero C.. “Meia-Volta, Volver: um estudo antropológico sobre a hierarquia militar”. Rio de Janeiro/ São Paulo: FGV/FAPESP, 1997.

\_\_\_\_\_. “A etnografia como extensão da guerra por outros meios: notas sobre a pesquisa com militares”. *Mana* (UFRJ. Impresso), v. 15, p. 59-89, 2009.

MAGNANI, José Guilherme C.. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, ANPOCS / Edusp, vol. 17, nº 49, julho/2002, p.11-29.

\_\_\_\_\_. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. *Tempo Social*, São Paulo, v. 15, n. 1, Abril/ 2003.

## XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

\_\_\_\_\_. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, Nov. 2005.

\_\_\_\_\_. *Da periferia ao Centro: Trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

\_\_\_\_\_. *O circuito: Proposta de delimitação da categoria*. São Paulo: não publicado, 2013.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 1988[1925].

MARCUS, George E. *Ethnography through thick and thin*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1998.

PEIRANO, Marisa. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Delumé-Dumará, 1995.

STRAW, Will. "Systems of Articulation, Logics of change: Scenes and Communication in Popular Music". *Cultural Studies*. Vol 5, n. 3 (Oct. 1991).

\_\_\_\_\_. "Scenes and sensibilities". *Cities/Scenes*, 2001.

\_\_\_\_\_. "Cultural Scenes". *Loisir et société / Society and Leisure*. Volume 27, número 2, automne, 2004, p. 411-422.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "O campo na selva visto da praia". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 170-190.